

Apresentação

1

Recém começado, 2017 nos trouxe a notícia da morte de Ricardo Piglia, escritor, crítico literário, roteirista, professor universitário e pesquisador de indiscutível prestígio internacional que conseguiu a proeza de ser um afeto quase unânime na Argentina e um clássico em vida da literatura daquele país, prolífero em escritores. A revista *Landa* entrou em contato com a pesquisadora argentina, Adriana Rodríguez Pérsico, amiga pessoal de Piglia e grande conhecedora de sua obra, quem aceitou o nosso convite para a organização de um dossiê em sua homenagem. Num trabalho quase arqueológico, a crítica recuperou alguns textos já clássicos sobre o escritor que levam a assinatura de Ana María Barrenechea, Tulio Halperín Donghi, José Sazbón e Noé Jitrik, convidou pesquisadores e escritores que lhe cederam textos inéditos, como é o caso, por exemplo, de Alan Pauls, Martín Kohan e Julio Schvartzman e reuniu textos dispersos em outras publicações, resultando, desse modo, um dossiê que é um robusto e generoso documento dos mais significativos textos escritos sobre Piglia nos últimos anos. A revista *Landa* agradece o esforço de Adriana Rodríguez Pérsico quem, em tempo recorde, reuniu dezenove artigos e escreveu um excelente Prólogo que temos o prazer de oferecer a nossos leitores nesta edição. Do mesmo modo, *Landa* agradece a Sebastián Freire a belíssima fotografia de Piglia que ele nos cedeu para compor a capa do dossiê.

Neste número, na seção de Chamada Pública, temos a loucura e suas aparições na literatura como tema central de seis ensaios. “Loucura e assujeitamento do corpo feminino no conto ‘La mujer amaestrada’, de Juan José Arreola”, Ana Carolina Macena Francini mostra, a partir das ideias de Foucault, como o narrador se comporta diante do espetáculo degradante de uma mulher exposta à curiosidade do público, na rua, delimitada por um círculo de giz. As relações entre corpo feminino, loucura, assujeitamento, mas também os sentimentos ambíguos do

narrador masculino diante da mulher “adestrada” constituem o fulcro dessa narrativa do escritor mexicano publicada em *Confabulario*, em 1952. José Alexandre Vieira da Silva, em “Do xamanismo à iniciação: a loucura como doença iniciática em João Padre”, analisa a passagem do personagem João Padre de sacerdote católico a xamã na narrativa da escritora mato-grossense Tereza Albues. Trata-se aqui de perceber esse processo através do enfrentamento do personagem com sua própria sombra e da iniciação do xamã através da passagem por uma série de provas. A literatura como “espaço de delírio” é o que Miguel Angel Schmitt Rodriguez desenvolve em “Literatura e loucura: algumas observações e enleios a partir de *La cabeza del Goliath*”. Partindo de Freud e de Foucault, o autor busca no texto de Ezequiel Martínez Estrada as fissuras por onde a literatura trata de construir esse espaço do “gasto”, do “dispêndio”, dos personagens marginais da cidade. A posição oscilante do narrador em relação à loucura e ao hospício é o tema que Rodrigo Dias desenvolve em “Narradores no hospício: uma análise de *Diário do Hospício* e *Cemitério dos vivos*”. Os textos de Lima Barreto, escritos a partir de sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920, indicam ao autor do ensaio um esforço do escritor em reconquistar seu papel de sujeito em um ambiente que “caracteriza o indivíduo como objeto de tratamento e de vigilância”, um esforço, portanto, em fazer-se ouvir. No caso de “Laços que aprisionam: a loucura como libertação em ‘A imitação da rosa’, de Clarice Lispector”, Elaine Cristina dos Santos Silva, também a partir dos estudos de Foucault, procura mostrar como a literatura dá espaço à voz da loucura “enquanto questionadora da norma vigente”. Trata-se aqui de mostrar como a loucura pode ser a única maneira de escapar dos constrangimentos impostos a uma mulher casada em uma sociedade patriarcal. Assim como no caso de Lima Barreto, o ensaio “A loucura na obra de Maura Lopes Cançado: nas trilhas do internamento”, de Abílio Neiva Monteiro e Algemira de Macêdo Mendes, tem como foco a voz de um escritor que vivencia a experiência do hospício. Mas aqui o que se vê é uma escrita que dá conta de uma visão íntima sobre a loucura de uma escritora com muitas passagens por centros de internamento, hospitais e hospícios. Publicada no final dos anos 50 pelo Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, Maura Lopes Cançado “não se enquadrava nos padrões da época por ser uma jovem mãe, divorciada, que trabalhava e confrontava

os ideais da sociedade com as suas verdades”. Em “O *Transatlántico* de Witold Gombrovicz”, Juan Manuel Terenzi relaciona este texto do escritor polonês radicado na Argentina de 1939 a 1963 ao que estava acontecendo na Europa naquele momento, um “acerto de contas com a tragicidade que a guerra representa”. Escrito entre 1940 e 1950, o livro de Gombrovicz transita entre a esperança de que a Polônia não perca a guerra e sua experiência de vida na Argentina, concretizada na figura de Gonzalo, um mestiço português nascido na Líbia, de mãe persa ou turca.

Em novembro do ano passado, o crítico e teórico argentino, Noé Jitrik, foi um dos nossos convidados às jornadas acadêmicas intituladas “Literatura argentina: 30 anos *sem* Borges?” que reuniu, entre outros, pesquisadores como Jorge Monteleone, Roberto Ferro, Daniel Link, Adriana Rodríguez Pérsico, Fabiana Varela e Raul Antelo. Durante as jornadas, membros da equipe de *Landa* realizaram uma longa entrevista com Noé Jitrik quem analisa e comenta a literatura argentina pós Borges, a presença do próprio Borges hoje, o conceito de literatura latino-americana, etc., num intenso diálogo com os entrevistadores que aborda muitos dos temas e conflitos da literatura do presente.

Na seção Olhares publicamos um artigo do pesquisador e professor uruguaio Francisco Bustamante titulado “*Jicoténcal*, temprana novela histórica latinoamericana entre la postindependencia y el neocolonialismo” no qual comenta um dos primeiros romances históricos da América latina, de autor anônimo, escrito em espanhol e publicado na Filadélfia em 1826. Nesse romance se narram fatos decisivos que levaram à conquista de México por Hernán Cortés. Na mesma seção, publicamos um artigo da pesquisadora argentina, Luciana Del Gizzo, titulado “*Irish Temper*. Acerca de la relación artística y personal de los hermanos Maldonado Bayley”. O artigo analisa a relação artística e intelectual de Edgar Bayley (1919-1990), poeta, e Tomás Maldonado (1922-), artista plástico, durante sua etapa de formação a partir de um texto inédito do segundo.

Desejamos a todos boas leituras!